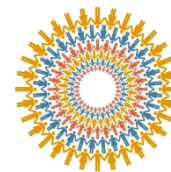




**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**



**BACHARELADO EM SAÚDE COLETIVA**

Marleide Ferreira

**ABAYOMI: “AMARRANDO OS NÓS DA CULTURA AFRODESCENDENTE”**

PORTO ALEGRE, 2018

Marleide Ferreira

**ABAYOMI: “AMARRANDO OS NÓS DA CULTURA AFRODESCENDENTE”**

Monografia apresentada como requisito para avaliação da Disciplina TCC II, para a conclusão de Curso de Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS sob orientação do Prof. Dr. Daniel Canavese de Oliveira.

Porto Alegre, 2018

Meus sinceros agradecimentos aos Ex-Presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff por essa conquista, essa vitória foi possível graças aos seus programas de inclusão social. “Estudei em escola pública (na cidade de Palmeira dos Índios, interior de Alagoas), sempre soube que na Universidade Federal o pobre tinha as mínimas chances de estudar. Trinta anos depois de conclusão do ensino médio, tentei através do ENEM e das cotas raciais, consegui estudar em uma das melhores universidades do país. Hoje sou uma Sanitarista, Graduada em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)”. Somente nos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), a educação brasileira deu um salto de qualidade e começou a construir um caminho de oportunidades e de futuro para todos, principalmente para a população da classe média.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar sempre ao meu lado, me ajudando a superar os obstáculos, nas horas mais difíceis e pelas vitórias alcançadas.

Aos meus pais, José Ferreira e Maria Josefa (in memoriam), que me ensinaram os valores que sigo em minha vida. Minha mãe infelizmente não está presente nesse momento, mas em pensamentos me dá forças para seguir. Saudades eternas!

Aos meus filhos emprestados, Erick e Phylippe, pelo incentivo, força, muita paciência e por tudo que representam para mim. Sem vocês nada disso seria possível.

Aos meus familiares, que mesmo distantes me Palmeira dos Índios – Alagoas, me dão forças e torcem pelo meu sucesso.

Aos meus professores, especialmente a Frederico Viana Machado e Fernanda Bairros, pelos ensinamentos, incentivo e apoio.

Ao meu professor orientador Daniel Canavese de Oliveira, pela disponibilidade, orientação, confiança e paciência.

Aos meus colegas de curso, que acompanharam essa trajetória e me deram força e motivação para continuar, especialmente Mary Berna pela amizade, carinho, colaboração e parceria nas oficinas de construção da boneca.

A toda a turma do Comitê de Promotor@s de Saúde da População Negra da Gerência Partenon/Lomba do Pinheiro, onde conheci a história e criação da boneca e a partir desde iniciei a Oficina de Criação da Boneca Abayomi.

A todas as pessoas que participaram das oficinas e que de uma forma ou de outra colaboraram com o meu trabalho, especialmente Ana Rondon, que contribuiu muito com doações de materiais.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa de minha vida, a todos vocês dedico essa vitória.

Imagem 1. Mandala feita com bonecas e bonecos pela diversidade.



Fonte: a autora.

## **“ERA UMA VEZ...**

*Na zona rural da cidade do interior Palmeira dos Índios, região agreste do Estado de Alagoas, morava um casal com seus nove filhos, entre estes Marley a caçula. Como os pais não tinham condições de comprar brinquedos para todos(as) os(as) filhos(as), as crianças tinham que usar da imaginação para se divertir. Os galhos das árvores contorcidos e amarrados se transformavam em animais nas mãos dos meninos, que brincavam de fazendinha. Já Marley e suas três irmãs viam lindas bonecas nas espigas de milho colhidas diretamente do milharal, eram colhidas as espigas mais bonitas e num passe de “mágica” os pelos avermelhados das espigas viravam cabelos lisos ou cacheados, o qual se faziam penteados diversos e das palhas, após uma dobra ou outra, se surgiam vestidos esverdeados. Mas Marley e suas irmãs passavam apuros ao pegar as melhores espigas para criar suas bonecas pois seu pai lhes daria umas belas palmadas, afinal estas espigas provavelmente dariam as melhores plantações e colheitas para a venda. Marley durante sua infância brincava com as bonecas de espiga de milho mas desejava mesmo era ter uma boneca de pano para brincar, esta fase passou, ela cresceu, e suas prioridades, desejos e sonhos mudaram... até que um dia, durante a Feira de Saúde da População Negra (Comitê de Promotor@s de Saúde da População Negra, Gerência Partenon/Lomba do Pinheiro), Marley participou de uma oficina de bonecas Abayomis, feitas de retalho de pano com um significado e história emocionante sobre a trajetória das africanas traficadas e escravizadas. A história a comoveu e a boneca a encantou. E com um pequeno pedaço de tecido estampado e quatro tiras de tecido preto Marley resgatou seu sonho de infância, Hoje ela é artesã,icineira e divulgadora da história da boneca Abayomi”.*

Imagem 2. Minha Primeira Abayomi



Fonte: a autora

## RESUMO

Este trabalho usa a boneca abayomi como instrumento para a promoção de saúde, combate ao racismo e resgate da cultura africana, ela é feita de tiras de tecidos, sem costura, apenas com nós ou tranças. Segundo a literatura, quando os(as) africanos(as) eram traficados(as) para o Brasil, as mães para acalmar seus filhos(as) nos navios negreiros e quando vendidas e separadas de seus filhos(as) tiravam pedaços de suas próprias roupas e faziam a boneca que servia de amuleto para seus filhos(as). Trata também sobre a trajetória da população negra desde o tráfico negreiro, escravidão e abolição da escravidão até os dias atuais com a criação de uma política específica para essa população. Nos últimos anos o Brasil foi marcado por diferentes fases e formas de mobilização social em defesa de direitos fundamentais, estes atuaram decisivamente para o enfrentamento do racismo, especialmente mediante a políticas sociais, conferências, lutas de movimentos negros e de mulheres negras, conferências de saúde e promoção de igualdade racial. A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra tem como prioridade minimizar as desigualdades sociais resultantes da discriminação racial, buscando um dos princípios básicos do SUS que é a equidade, garantindo que os serviços de saúde sejam oferecidos para todos e que o tratamento seja diferenciado de acordo as necessidades de cada indivíduo. A oficina, junto com a discussão sobre a história de sofrimento da população negra, racismo e desigualdades, faz com que sua função terapêutica auxilie na sensibilização dos participantes sobre os assuntos discutidos.

Palavras Chaves: Discriminação Racial, Racismo, Políticas Públicas, Oficinas de Trabalho, Desigualdades Raciais, Boneca Abayomi.

FERREIRA, Marleide. Abayomi: “Amarrando os Nós da Cultura Afrodescendente”. 2018.26f. Trabalho de Conclusão de Curso(TCC). Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

## IMAGENS

Imagem 1- Mandala feita com bonecas e bonecos pela diversidade.....	pag. 5
Imagem 2- Minha Primeira Abayomi.....	pag. 6
Imagem 3-.....	pag.17
Imagem 4-.....	pag.18
Imagem 5-.....	pag.18
Imagem 6-.....	pag.19
Imagem 7-.....	pag.19
Imagem 8-.....	pag.20
Imagem 9-.....	pag.20
Imagem 10-.....	pag.21
Imagem 11-.....	pag.21
Imagem 12-.....	pag.22
Imagem 13- Boneca grávida e bebê ligado a placenta após o parto.....	pag.23



## Sumário

1.Introdução.....	pag.10
2.Objetivos.....	pag.12
2.1Objetivo Geral.....	pag.12
2.2Objetivos Específicos.....	pag.12
3.Contexto Histórico.....	pag.13
4.A Boneca.....	pag.16
5.Metodologia.....	pag.17
6.Resultados.....	pag.23
7.Para não Encerrar.....	pag.25
8. Referências .....	pag.26

## 1. INTRODUÇÃO

“Na década de 90 aconteceram no Brasil uma série de movimentos sociais negros em busca de melhores condições de vida, um deles foi a “Marcha Zumbi dos Palmares”, em 1995, que lutava para o fim do racismo, melhores condições de vida à população negra e fim das desigualdades raciais. Motivada por tais movimentos sociais, em busca de melhores condições de saúde e da maior equidade no Sistema Único da Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) foi aprovada em 2009, no dia Nacional da Consciência Negra, em 20 de novembro, pelo Conselho Nacional de Saúde” (BRASIL, 2007).

Segundo o Boletim Epidemiológico sobre a Saúde da População Negra (2013), ao analisar quanto a perspectiva de saúde, percebe-se que a população negra está mais exposta a doenças e mortes em um grau muito maior que o restante da população, ainda que sejam evitáveis e preveníveis. A expectativa de vida da população negra é de sete anos menor do que a da população branca. Algumas doenças ou agravos incidem de forma mais intensa sobre a população negra:

- Maiores taxas de mortalidade materna entre mulheres negras, associadas à falta de acesso ao pré-natal e ao parto com assistência adequada, bem como a possíveis complicações derivadas da hipertensão ou da doença falciforme não diagnosticada pelos serviços de saúde;
- Maior probabilidade de desenvolver pré-eclâmpsia nas mulheres grávidas (problema grave marcado pela elevação da pressão arterial) e problemas cardiovasculares;
- Desnutrição; Mortalidade infantil elevada; Anemia Ferropriva; IST/AIDS, Hepatites;
- Tuberculose e Transtornos mentais resultantes da exposição ao racismo;
- Hipertensão Arterial; Doenças Cardiovasculares e Anemia Falciforme;
- Genocídio (uma das maiores causas de morte do Brasil).

Ainda que os(as) afrodescendentes tenham contribuído com a construção do Brasil, tiveram grande influência na cultura afro-brasileira (Geledés, 2016). Um dos costumes da cultura africana, que foi trazido durante o tráfico negreiro para o Brasil são as bonecas Abayomis. Para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos navios que realizavam o transporte de escravos(as) entre a África e o Brasil, as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas que serviam de amuleto de proteção. Estas bonecas são confeccionadas com tiras de tecidos preto, suas vestes e turbantes com tecidos coloridos, não é usada cola, linhas ou agulhas, apenas com nós ou tranças. A palavra Abayomi do Iorubá, significa aquele que traz "felicidade e alegria" (Geledés, 2015).

Esta boneca é símbolo de força, resistência e poder feminino, contribui para o fortalecimento dos afros descendentes, para eliminação do racismo e para a divulgação da cultura afro-brasileira.

O presente trabalho foi desenvolvido como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Saúde Coletiva. A motivação para este relato de experiência foi a vivência como Promotora de Saúde da População Negra na Cidade de Porto Alegre/RS. Através de eventos organizados pelo Comitê de Promotoras de Saúde da População Negra

da Gerência Partenon/Lomba do Pinheiro, nos quais ocorreram os primeiros contatos com a história e criação da Boneca Abayomi.

A trajetória acadêmica despertou o interesse pela Política Integral de Saúde da População Negra e por incentivo do professor Frederico Viana Machado direcionando rumo ao aprofundamento da construção da boneca e conhecimento de sua história.

Este relato descreve a experiência vivenciada ao ministrar as oficinas de bonecas abayomis e o quanto esta atividade contribui para o resgate da cultura afro brasileira, desta forma, o mesmo serve de instrumento para a promoção da saúde da população negra.

Em alguns Estudos Acadêmicos a boneca abayomi vem sendo trabalhada na área da educação, com alunos e professores, onde é falado sobre etnia, gênero, cultura e racismo (Cruz, 2012; Filipino, 2017; Oliveira, 2015...). Com isso fiz um trabalho voltado para saúde e educação, onde falo sobre os mesmos temas, acrescentando a promoção da saúde, quesito raça/cor e fases da vida (com bonecos desde a gestação com placenta, recém-nascido, bebê e fase adulta).

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Divulgar a cultura afro-brasileira na perspectiva da saúde e do cuidado integral.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Apresentar a experiência da Oficina de Bonecas Abayomis como dispositivo de promoção e cuidado integral à saúde;

Descrever a construção da Boneca Abayomi como elo entre identidade, saúde da população negra e combate ao racismo.

### 3. CONTEXTO HISTÓRICO

As diferenças raciais estão presentes desde a formação histórica do Brasil, com as péssimas condições de vida, de trabalho e das diversas formas de violência, refletindo assim em desigualdades de direitos e papéis sociais ao negro(a). “Os(as) africanos(as) foram trazidos do chamado "continente negro" para o Brasil em um fluxo de intensidade variável. Os cálculos sobre o número de pessoas transportadas como escravos(as) variam muito. Estima-se que entre 1550 e 1855 entraram pelos portos brasileiros 4 milhões de escravos, na sua grande maioria jovens do sexo masculino” (Fausto, 1996, p. 29).

“Os primeiros africanos nas Américas foram pioneiros, adaptando linguagens, moradias, alimentação, idiomas e culturas. Ergueram fazendas e engenhos; plantaram cana-de-açúcar, café, milho, arroz, mandioca e algodão. Retiraram ouro e prata de montanhas ou rios, além de ajudarem a desenvolver diversas cidades e seus arrabaldes. Foram lavradores, mineradores e pastores. Trabalharam demais, receberam castigos e maus-tratos sem cessar, e conheceram índices de mortalidade altíssimos” (Mocambos e Quilombos, pag. 8, 2015).

Os(as) africanos(as) formavam movimentos durante o processo de escravização, estes eram organizados com fugas e formação de quilombos, o que revelam a dimensão da resistência à escravidão. Os(as) negros(as) encontraram nos quilombos a fuga dessa triste realidade e formaram comunidades independentes organizadas por seus integrantes, resgatando sua cultura e democracia, sendo sujeito de sua própria história. Estes movimentos eram clandestinos e tinha como principal objetivo a libertação dos(as) negros(as) escravizados(as). Os quilombos eram comunidades móveis de ataque e defesa, causando temor nas autoridades, fazendeiros e até em outros escravos, quando estavam para serem encontrados, muitas vezes migravam para outros quilombos.

Após abolição da escravatura foram muitos anos de luta contendo denúncias sobre a precariedade do modelo brasileiro de democracia racial, em 1931 surgiu a Frente Negra Brasileira, desde então as questões e demandas de classe e raça ganharam projeção na Arena Política Brasileira, em seguida foram fortalecidas pelo Movimento Social Negro que atua desde a década de 70.

Entre as décadas de 30 e 80 surgiram inúmeros movimentos sociais que manifestaram a insatisfação dos negros em relação à qualidade de vida. No Brasil, em 1986 foi realizada a 8ª Conferência Nacional de Saúde, estabeleceu um marco na luta por condições dignas de saúde para a população, uma vez que fechou questão em torno da saúde como direito universal de cidadania e dever do Estado. Na conferência, o Movimento Social Negro participou ativamente, ao lado de outros movimentos, em especial o Movimento pela Reforma Sanitária, do processo de elaboração e aprovação das propostas.

A Constituição Federal de 1988 consagrou com o apoio dos movimentos sociais o princípio do acesso universal à saúde, garantindo que o Sistema Único de Saúde (SUS) fosse direcionado mais para ações integrais e gerais voltadas para toda a população. Contudo, numa sociedade de profundas desigualdades como a brasileira, a conquista da universalidade dos serviços tem se mostrado insuficiente para assegurar a equidade.

*“A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (Constituição 1988, Art. 196).*

Na década de 90, o Governo Federal passou a se ocupar do tema, em atenção as reivindicações da Marcha Zumbi dos Palmares, realizada em 20 de novembro de 1995, o que resultou na criação do Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra (GTI) e representantes do Ministério da Saúde (MS). No ano seguinte, em abril, o GTI organizou uma Mesa Redonda sobre Saúde da População Negra, cujos resultados foram: a introdução do quesito raça/cor nos sistemas de informação de mortalidade e de nascidos vivos; a elaboração da Resolução 196/96 (introdução do recorte racial em toda e qualquer pesquisa envolvendo seres humanos) e a recomendação de implantação de uma política nacional de atenção às pessoas com anemia falciforme.

O desempenho do Movimento Social Negro brasileiro na 11<sup>a</sup> e na 12<sup>a</sup> Conferências Nacionais de Saúde, realizadas em 2000 e 2003, fortaleceu e ampliou sua participação social nas esferas do SUS. Como resultado dessa atuação articulada, foram aprovadas propostas para o estabelecimento de padrões de equidade étnico-racial e de gênero na política de saúde do país. A participação brasileira na III Conferência Mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerâncias correlatas, realizada em Durban 2001, gerou um ambiente favorável para que o Estado e a sociedade atuem de forma decisiva na superação das desvantagens sociais geradas pelo racismo.

*“Em 2003 foi criado a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), Lei nº 10.678, como órgão de assessoramento direto da Presidência da República, com status de ministério, o que representou uma conquista emblemática do Movimento Social Negro...A promoção da saúde da população negra passa a ser entendida em sua especificidade a partir, principalmente da ação do Movimento Negro. A SEPPIR tem como atribuição institucional promover a igualdade e a proteção dos direitos de indivíduos e grupos raciais e étnicos, por meio do acompanhamento e coordenação das políticas de diferentes ministérios, dentre eles o da saúde e outros órgãos do governo brasileiro” (BRASIL, 2003).*

Em 2004, no encerramento do I Seminário Nacional de Saúde da População Negra, foi assinado um Termo de Compromisso entre a SEPPIR e o Ministério da Saúde referenciado nas formulações advindas de ativistas e pesquisadores negros, contidas no documento Política Nacional de Saúde da População Negra: uma questão de equidade. Ainda em agosto de 2004, considerando o interesse em contribuir com a promoção da equidade e cumprir o acordo feito ao assinar o termo de compromisso, no que diz respeito à promoção da igualdade racial no âmbito do SUS, o Ministério da Saúde instituiu o Comitê Técnico de Saúde da População Negra, por meio da Portaria nº 1.678, de agosto de 2004 (BRASIL, 2004). O comitê coordenado pela Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, composto por representantes de diversas áreas técnicas do Ministério da Saúde, da SEPPIR, pesquisadores e ativistas da luta antirracista na área da saúde da população negra. Seu funcionamento regido pela Portaria nº 2.632, de 15 de dezembro de 2004, dentre suas realizações destacam-se as contribuições para a construção desta Política (BRASIL, 2004).

Os anos de 2005 e 2006 foram marcados por seminários, encontros, reuniões técnicas e políticas que resultaram com a aprovação desta Política pelo Conselho Nacional de Saúde, em 10 de novembro de 2006. Destacando também a realização do II Seminário Nacional de Saúde da População Negra, marcado pelo reconhecimento oficial do Ministério da Saúde da existência do racismo institucional nas instâncias do SUS.

Em 13 de maio de 2009, através da Portaria nº992, o Ministério da Saúde instituiu a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN). Entre as diretrizes da Portaria estão a inclusão dos temas Racismo e Saúde da População Negra nos processos de formação e educação permanentes dos trabalhadores da saúde e no exercício do controle social da saúde e o reconhecimento dos saberes e práticas populares de saúde, incluindo aqueles preservados pelas religiões de matrizes africanas. “A avançada legislação do SUS ainda não garante o atendimento das características específicas da população negra e nem a mesma qualidade na atenção de saúde oferecida aos demais segmentos da população. Por esse motivo a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra direciona em todos os níveis e instâncias do SUS, um esforço para superar os fatores que determinam as expressões de maior vulnerabilidade da população negra” (Portal da Igualdade, 2004).

Em 2010 entrou em vigor a lei nº 12.288, esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

O Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010) define população negra como “o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE”. As categorias de raça/cor utilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são: branca, preta, parda, amarela e indígena.

A PNSIPN é o reconhecimento do racismo, das desigualdades étnico-raciais e do racismo institucional como determinantes sociais e condições de saúde, com vista à promoção de saúde. A população negra sofre constantemente os efeitos nocivos do racismo por meio da discriminação e do preconceito criado a partir de ideias estereotipadas internalizadas historicamente (WERNECK, 2016).

O fato de esta população se concentrar em regiões mais pobres, possuir baixa renda, pouca escolaridade, ocupar subempregos, entre outros são, em grande parte, reflexos do tratamento desigual. Werneck (2016) associa esta realidade ao termo Racismo Institucional ao observar que as formas organizativas políticas, práticas e normas racistas internalizadas em instituições, públicas ou privadas, resultam em tratamentos e resultados desiguais.

O racismo institucional está diretamente ligado à forma como a sociedade está estruturada e com a falta de reconhecimento da cidadania total da população negra, resultando na redução do acesso integral a bens e serviços de qualidade, menor participação e negligência das necessidades específicas, desenvolvendo agravos à saúde, pois este afeta diretamente a saúde mental da população negra. Quem sofre diretamente com o racismo tem de lidar com ameaças à autoestima, desigualdades de oportunidades e com frequência com a violência que atinge principalmente a juventude negra no Brasil.

#### 4. A BONECA

Ainda que os afrodescendentes tenham contribuído com a construção do Brasil, estes tiveram grande influência na cultura afro-brasileira em vários aspectos, na dança, música, religião, culinária e idioma: Criaram o candomblé, religião afro-brasileira baseada no culto aos orixás, de onde surgiram também a umbanda e a Capoeira; Na culinária, a feijoada, o azeite-de-dendê, o vatapá, o caruru e o acarajé, e na música a cultura africana contribuiu com os ritmos que são a base de boa parte da música popular brasileira como o maxixe, samba, choro, bossa-nova e outros gêneros musicais atuais (Geledés, 2016).

Um dos costumes da cultura africana que foi trazido durante o tráfico negreiro para o Brasil são as bonecas Abayomi. Para acalantar seus filhos(as) durante as terríveis viagens a bordo dos navios que realizavam o transporte de escravos(as) entre a África e o Brasil, as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas que serviam de amuleto de proteção. Estas bonecas são confeccionadas com tiras de tecidos preto, suas vestes e turbantes com tecidos coloridos, não é usada cola, linhas ou agulhas, apenas com nós ou tranças. A palavra Abayomi do Iorubá, significa aquele que traz "felicidade e alegria" (Geledés, 2015).

A Boneca Abayomi é símbolo de força, resistência e poder feminino, contribuiu para o fortalecimento dos afrodescendentes, para eliminação do racismo e para a divulgação da cultura afro-brasileira. A Boneca Abayomi representa várias etnias da África e para não descaracterizar nenhuma delas, não possui traços faciais (boca, nariz e olhos).

A história das Bonecas Abayomi no Brasil começou no final dos anos 80, com a artesã Lena Martins, educadora popular e militante do Movimento de Mulheres Negras, que procurava na arte popular um instrumento de conscientização e sociabilização, em seguida outras mulheres de vários movimentos sociais e culturais, aprenderam com ela e fundaram no Rio de Janeiro a Cooperativa Abayomi em 1988. Este projeto faz parte da rede nacional contra a violência à mulher e da rede de mulheres negras latino-caribenhas.

Atualmente as bonecas Abayomi são feitas com materiais reaproveitados, como retalhos de pano e malhas, estas podem ter como significado a representação de algo, como figuras do cotidiano, personagens de circo, da mitologia, orixás e manifestações folclóricas e culturais. Neste trabalho ela é usada como instrumentos para a promoção da saúde, tipo: gênero, quesito raça/cor, miscigenação, as fases da vida (bebê, criança, adolescência e adulta), na mulher (gestação e parto).



## 5. METODOLOGIA

As oficinas são realizadas com um público bem diversificado como: alunos(as) pré-escolares à graduandos(as), profissionais e usuários(as) dos serviços públicos de saúde. Os primeiros passos para realização da oficina são a organização do espaço e o passo a passo em uma “Boneca Viva”, onde peço a colaboração de uma participante e a visto de boneca. Durante as atividades os participantes aprendem a confeccionar a Boneca Abayomi, enquanto isso conhecem sua história.

A oficina acontece em local organizado, onde os materiais e instrumentos (tecidos, alfinetes, tesouras e folhetinhos com a história) ficam no centro do círculo e os participantes em volta destes, são usados materiais reaproveitáveis (roupas usadas). Para a confecção das bonecas são usadas quatro tiras de tecido preto, um círculo de tecido colorido ou estampado para o vestido, cinto e turbantes com tecidos coloridos. Não são usados cola, costura, linhas ou agulhas, são feitos apenas nós. As oficinas são gratuitas e ao final, os participantes levam suas bonecas criadas.

Materiais e Passo a Passo da Boneca:

Imagem 3.



*Fonte: a autora.*

Materiais: Tecido preto (15cm X 20cm), tecido estampado, duas tiras coloridas e tesoura.

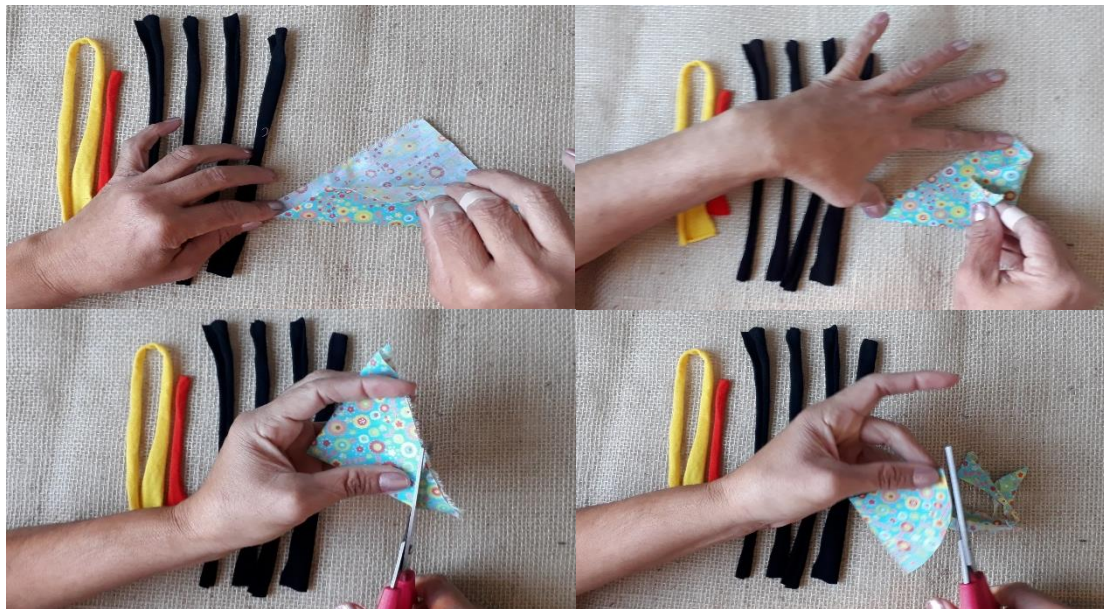
Imagem 4.



*Fonte: a autora.*

Passo 1: Com a tesoura corta o tecido preto em quatro partes iguais. Puxe os tecidos pretos para que se transformem em tiras;

Imagem 5.



*Fonte: a autora.*

Passo 2: Dobre o tecido estampado em forma de triângulo duplicado, na base do triângulo corte em formato oval;



Imagem 6.



*Fonte: a autora.*

Passo 3: Faça um corte na parte superior do triângulo, deixe um espaço na parte dupla e faça outro corte. Abra o tecido, estará em forma de círculo com três furos;

Imagem 7.



*Fonte: a autora*

Passo 4: Pegue as quatro tiras pretas, com as pontas iguais, dê um nó para fazer a cabeça. Puxe as tiras para o nó ficar firme;



Imagem 8.



*Fonte: a autora.*

Passo 5: A parte menor do tecido será os cabelos e a maior o corpo da boneca. Coloque as quatro tiras maiores no furo do meio do círculo. Suba duas tiras, uma em cada furo ao lado;

Imagem 9.

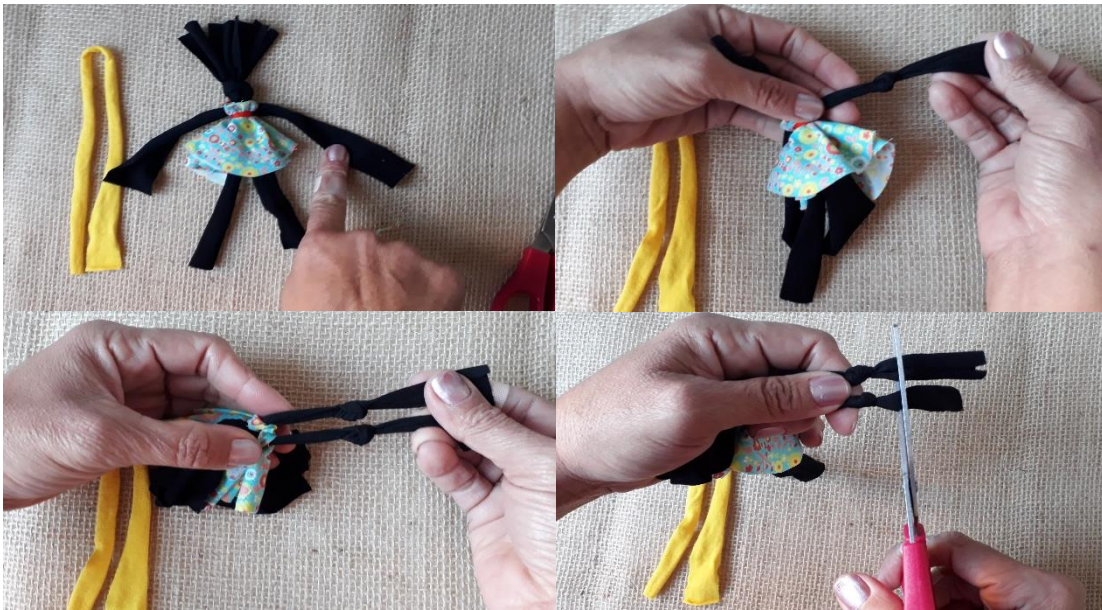


*Fonte: a autora.*

Passo 6: Levante os braços para colocar o cinto. Junte o vestido embaixo dos braços, com a tira menor amarre o cinto;



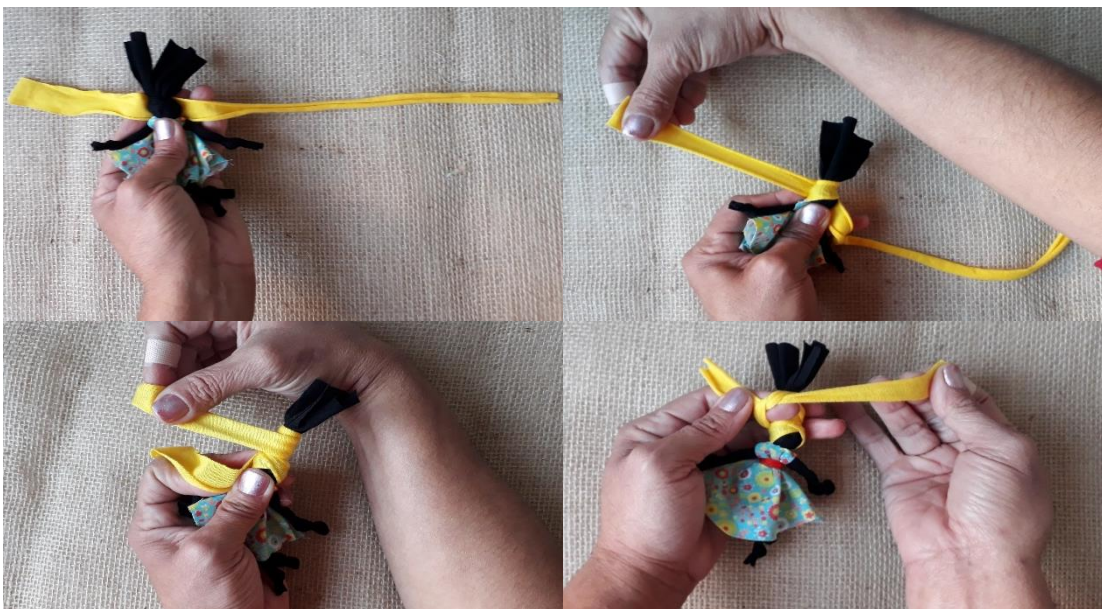
Imagem 10.



*Fonte: a autora.*

Passo 7: Para fazer as mãos, dê um nó nas pontas das tiras, verifique se estão na mesma altura, aperte os nós e corte o excesso. Para os pés faça os mesmos procedimentos (não esquecer que pés e mãos são proporcionais ao corpo da boneca);

Imagem 11.



*Fonte: a autora.*

Passo 8: O rosto da boneca deve ser o lado com o desenho do nó. Para o turbante usar a tira larga, colocar atrás da cabeça, com a parte menor da tira, dá a volta na cabeça e segurar, com a parte maior dá várias voltas, sobe e desce até encontrar a outra ponta e fazer nó ou laço;

Imagem 12.



*Fonte: a autora.*

Feito!!!!



## 6. RESULTADOS

Uma das primeiras oficinas a serem realizadas foi no grupo de caminhada “Passadas do Bem” da Unidade de Saúde Bananeiras (projeto criado pela colega Karina), em seguida foi apresentada na II Mostra de Porto-alegrense de Experiências Inovadoras na Atenção Básica e em um evento na Ocupação da Saúde Coletiva e Enfermagem UFRGS em novembro de 2016. No ano seguinte, no evento Portas Abertas UFRGS 2017, representando o grupo de “Estudos Saúde da População Negra”, coordenado pela professora Fernanda Bairros, a partir de então os participantes foram divulgando e falando de suas experiências vivenciadas nas oficinas para amigos(as) de trabalho, faculdade e familiares, o que gerou diversos convites.

Com isto, a Oficina de Criação de Bonecas Abayomi foi realizada em: Faculdades Integradas de Taquara-RS (FACCAT); Faculdades FACTUM; Escola Superior de Magistratura (AJURIS); Hospital Sanatório Partenon; Centro de Saúde Murialdo; Associação Brasileira em Defesa dos Usuários de Sistemas de Saúde (ABRASUS) e Salão de Extensão UFRGS.

Em alguns projetos em praças públicas como; Olimpíadas Culturais da Cruzeiro; Gentilezas Gera Gentilezas; Prefeito nos Bairros; Cooperativa de Trabalho Interdisciplinar dos Profissionais da Área Social de São Leopoldo, COOPAS-RS; Socialização Rua, evento para moradores em situação de rua, que aconteceu no pátio do Sanatório Partenon, neste além de trabalhar a cultura africana e o racismo, trabalhamos o quesito raça/cor, onde criei bonecas representando as cinco etnias.

No mês de novembro aconteceram diversas oficinas por conta do dia da Consciência Negra, na UFRGS no Novembro Negro das Faculdades de Odontologia, Medicina, Enfermagem e Saúde Coletiva; em alguns eventos organizados por unidades de saúde e no X Congresso Brasileiro de Enfermagem Obstétrica e Neonatal (COBEON) que aconteceu em Campo Grande-MT, a oficina foi apresentada na Oca Paulo Freire, a princípio seria duas horas de apresentação, mas o sucesso foi tanto que apresentamos durante três dias. Por ser um congresso obstétrico, criei uma Boneca Abayomi gestantes, com vagina, placenta, cordão umbilical e bebê, e nesta fiz o parto.

Imagem 13. Boneca grávida (esquerda) e bebê ligado a placenta após o parto (direita).



*Fonte: a autora.*

Os resultados obtidos nas oficina foram surpreendentes, por muitas vezes chorei ou fiz chorar ao contar a história, por ser um momento triste em relatar o sofrimento, e ao mesmo tempo a emoção em divulgar a coragem daquelas mulheres, o amor das mães por seus filhos(as) e por nos sentir representadas. Sempre há um pouco de resistência por parte de alguns participantes, mas ao verem outros colegas construindo suas bonecas, ouvindo a história e que será um amuleto, mudam de ideia e se juntam ao grupo, confeccionando várias bonecas, pois, ficam empolgados com a atividade e criam uma para cada pessoa especial de sua vida.

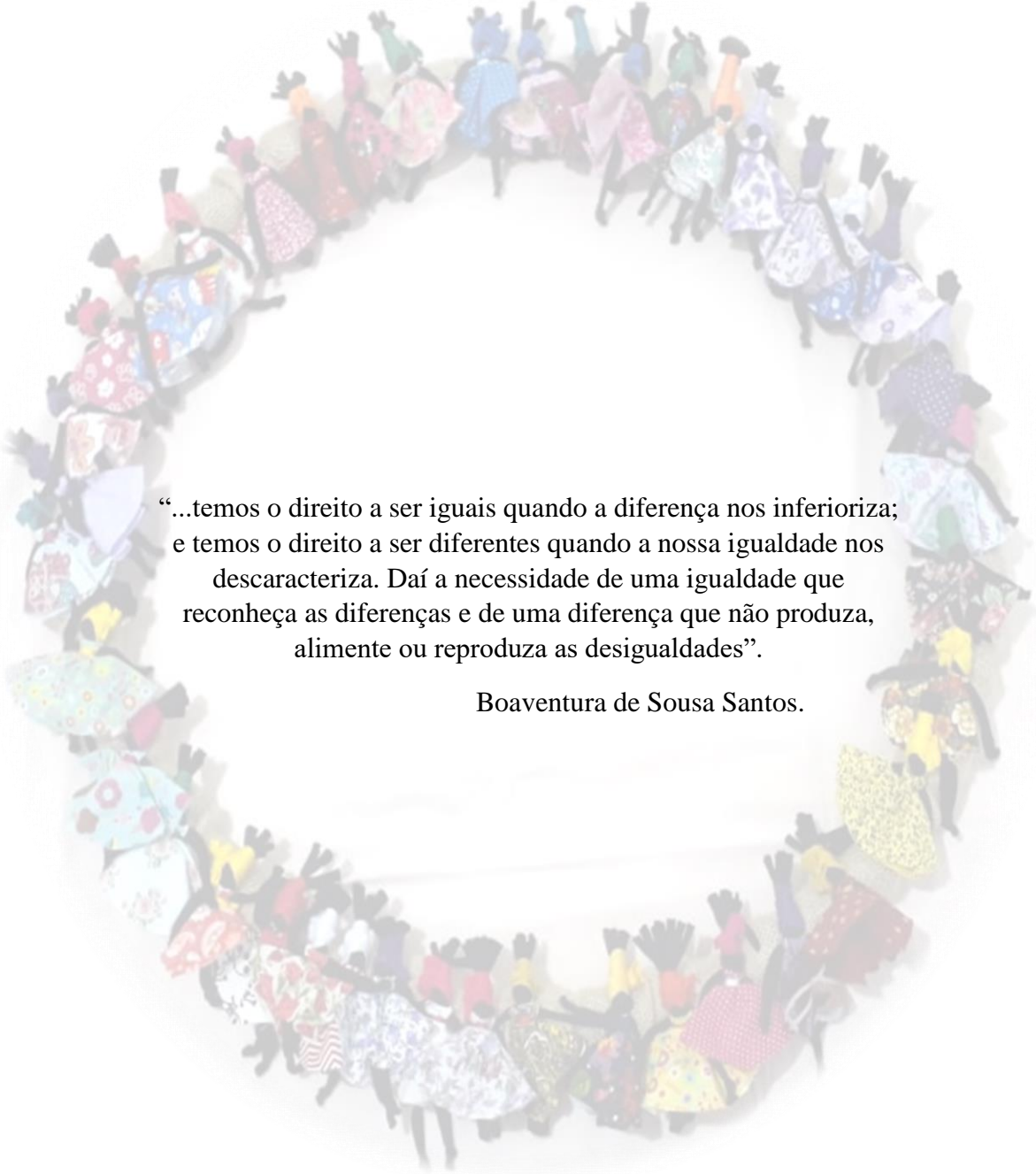
A oficina, junto com a discussão sobre a história de sofrimento da população negra, racismo e desigualdades, faz com que sua função terapêutica auxilie na sensibilização dos participantes sobre os assuntos discutidos. Geralmente quem aprende logo ensina a um outro alguém e cada boneca construída desperta a vontade de fazer mais e mais bonecas.

A Oficina da Boneca Abayomi apresenta questões mais abrangentes que a simples construção de uma boneca, ela contribui para a valorização da cultura africana e faz parte da herança cultural dos(as) negros(as) africanos(as) no Brasil. É uma boneca simples que acaba criando vida nas mãos de quem a faz, independente da idade, se criança, adulto ou idoso essa boneca traz uma relação com o afetivo e o fabricar brinquedo, pois ficam admirados em construir uma boneca com retalhos ou materiais reaproveitáveis, e em poder presentear alguém com sua criação. Sempre ao final da atividade incentivo a troca das bonecas, mas isso não acontece, eles já escolheram alguém especial de sua família para presentear.



## 7. “PARA NÃO ENCERRAR”

Para que a luta pela melhoria da qualidade de vida, combate ao racismo e desigualdades continuem, pretendo continuar com a realização das oficinas e desenvolver um projeto de geração de renda com grupos de mulheres em situação vulnerável, para que estas possam construir suas próprias bonecas, vendê-las e com isso conseguir ajuda em seu sustento. As bonecas criadas serão feitas com tranças e a partir destas produziremos diversas peças como: chaveiros, imãs, botons, marcadores, tiaras, porta-retratos e bonecas com representações. Recebi o desafio de construir uma boneca idosa, com certeza será minha próxima criação.



“...temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”.

Boaventura de Sousa Santos.

## 8. REFERÊNCIAS

1. Boletim Epidemiológico sobre a Saúde da População Negra – Procempa. Disponível em: <[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cgvs/usu\\_doc/boletim\\_53\\_especial\\_racaocor.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cgvs/usu_doc/boletim_53_especial_racaocor.pdf)>. Acesso em 15/05/ 2017.
2. Bonecas Abayomi: símbolo de resistência, tradição e poder feminino - Geledés. 2015. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino>>. Acesso em 05/05/2017.
3. Bonecas Abayomi: Símbolo de assistência, tradição e poder feminino. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolode-resistencia-tradicao-e-poder-feminino>>. Acesso em 10/05/2017.
4. Boris, Fausto. História do Brasil. São Paulo, EDUSP, 1996. Disponível em: <<http://limendi.com.br/wp-content/uploads/2015/10/historiadobrasil.pdf>>. Acesso em 12/05/2017.
5. Brasil. Ministério da Saúde (MS). Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Brasília: MS; 2007.
6. Constituição Federal-Planalto, Brasília, 1988.
7. Cruz, Claudete da Silva; SILVA, Denise Sena. Bonecas Abayomi: Uma Proposta Lúdica Para Trabalhar as Relações Étnicas Raciais Na Escola. 2012. Disponível em: [http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos\\_template/upload\\_arquivos/acervo/docs/2587p.pdf](http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/2587p.pdf). Acesso em 20/05/2017.
8. Cultura Africana - Geledés, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/cultura-africana>>. Acesso em 05/05/2017.
9. Fonte das Imagens: A própria autora.
10. Filipini, Cynthia. “Com Quantos Nós Tecemos uma História?” Exposição Itinerante de Abayomis Akpalôs. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.
11. Gomes, Flávio dos Santos. Mocambos e Quilombos: Uma história do campesinato negro no Brasil -1 ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.
12. IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,1996.
13. Lei 12.288 - Estatuto da Igualdade Racial, Ministério dos Direitos Humanos, 2010.
14. Oliveira, Fernanda Soares. Amarrando Tecidos e Desatando Preconceitos: Bonecas Abayomi Como Estratégia de Ensino-Aprendizagem da História e Cultura Africana. Graduanda do curso de História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vitória da Conquista, 2015.
15. WERNECK, J. Saúde Sociedade. São Paulo, v.25, n.3, p.535-549, 2016.